

# O SOLO HISTÓRICO DA NOÇÃO DE *TÉCHNE* E A REFLEXÃO DE PLATÃO NA *REPÚBLICA*

RAIMUNDO ARAÚJO

**Abstract:** The Historic ground of *téchne* and Plato's reflected notion in the Republic refer to a philosophical research about *téchne*, as far as the remote times among the Greeks. When this aforementioned notion appears in Plato's Republic it takes up a peculiar sense as the necessary knowledge for the city organization. Bearing that in mind the proposal is to refute J. P. Vernant's criticism on the philosopher's *téchne* conception stating that "politics and technique are incompatible".

A noção que temos hoje de técnica não coincide com a concepção que os antigos gregos possuíam das chamadas *téchnai*, técnicas.

Técnica, *téchne* (do verbo *téchtōn*) refere-se à habilidade de produção manual, à arte, à especialidade no trabalho principalmente com os metais<sup>1</sup>. Em Hesíodo, na *Teogonia*, é dito que o deus Hefesto é o *deinós*, o esperto nas artes entre todos os descendentes de Uranos, uma vez que é a divindade da metalurgia:

Hera por raiva e por desafio a seu esposo não unida em amor gerou o ínclito Hefesto nas artes brilho à parte de toda raça do céu. (*Teog.* v. 929)<sup>2</sup>

---

Raimundo Araújo dos Santos é pesquisador na Faculdade de Filosofia e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1. Bailly, Anatole. In *Abrégé du dictionnaire Grec-Français* e Montanari Franco in *Vocabulário Della Língua greca*.

2. Hesíodo, *Teogonia* – tradução de JAA Torrano.

Para Platão, no *Sofista*, técnica ou arte é a capacidade de tornar possível um objeto qualquer.

A propósito de tudo o que antes não é e que alguém, depois, leva ao ser, dizemos, em certo sentido, que quem leva ao ser produz e que o que é levado ao ser é produzido. (*Sof.* 219 B)

Os usos e aplicações que se faziam das coisas que pertencem ao domínio das *téchnai*, segundo Jean-Pierre Vernant, em “Mito e Pensamento entre os gregos”<sup>3</sup>, não podem ser transferidos para o nosso tempo se assumirmos que o sentido atual de técnica é bem mais restrito e indica “ato ou efeito de produzir, criar, gerar, elaborar e realizar, ou aquilo que é produzido ou fabricado pelo homem, e, especialmente, por seu trabalho associado ao capital e à técnica”<sup>4</sup>.

*Téchnē* designa, ao mesmo tempo, as técnicas industriais, intelectuais e corporais, o que para a modernidade não é de fácil compreensão. O termo traz a idéia primeira de produção de coisas. É uma ocupação humana que exige CONHECIMENTOS práticos. Mas por ser igualmente uma expressão do artifício, uma engenhosidade, é também conhecimento racional e tem valores que se referem à exatidão e à justeza, tangenciando valores que dizemos ser do campo ético. Nessa única palavra, o grego nomeia tanto a atividade do ferreiro, como a do carpinteiro, do oleiro, do escultor ou do pintor, mas também a do cozinheiro, do médico e do poeta. Em Xenofonte<sup>5</sup>, o termo *epistéme*, ciência, pode significar o saber prático a que se acrescenta uma qualidade da inteligência prática: a de ser engenhosa, inventiva, cheia de recursos. Essa inteligência é designada pela palavra *métis*,<sup>6</sup> (astúcia, inventividade), relacionada à *téchnē*. Uma só palavra, no caso “*métis*”, serve para assinalar a qualidade do artesão, do artista habilidoso, daquele que é conhecedor das coisas da guerra ou das práticas religiosas ou ainda do artista, ator ou cantor, como notaram Detienne e Vernant<sup>7</sup>.

3. *Mito e Pensamento entre os gregos* - cap. III, (Observações sobre as formas e os limites do pensamento técnico entre os gregos).

4. Dicionário Aurélio, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

5. “Mem”. 3, 10, 1.

6. M. Detienne e J.P. Vernant, *Métis*, pp. 52,75-87.

7. M. Detienne e J.P. Vernant, *Métis*.

A despeito dessa sua abrangência, na Grécia arcaica, *téchne* não se aplica ao trabalho do mundo camponês, um campo necessitado de todas essas qualificações citadas. Não se encontra *téchne* nas “erga”, ou seja, no que se nomeia trabalhos campesinos. Pode-se ler em Hesíodo, que o trabalho da terra não constitui um tipo particular de comportamento visando produzir, por meios técnicos, valores úteis coletivamente. O trabalho com a terra é uma forma de esforço humano relacionado ao sagrado. Na cultura dos cereais, por exemplo, é através do esforço e da fadiga, que o homem entra em contato com as forças divinas, as forças da terra que se abrem ao plantio e à colheita. A este propósito diz Hesíodo:

Trabalhando, os homens tornam-se mil vezes mais caros aos Imortais<sup>8</sup>.

Tem-se de resto que, aqueles que hoje consideramos artistas, não eram mais conceituados à época do que aqueles a quem chamamos artesãos, pois a arte arcaica e a artesanaria estavam marginalizadas do campo do esforço físico por não terem valor sagrado.

Artesania e arte, nesse quadro, não se distinguem do modo como as distinguimos hoje, podendo, portanto, dizer-se que ambas implicam em ação refletida pressuposta no conhecimento da produção de uma coisa. Tal significação encontra-se mais tardiamente, no século IV a.C., em Platão. Este afirma em favor da *téchne*, que aquele que não consegue explicar a verdadeira natureza das coisas de que se ocupa, nem indicar a causa de cada uma, não faz *téchne*, mas sim rotina (ação costumeira, realizada irrefletidamente). Diz no Górgias:

Quanto a mim eu não dou o nome de *téchne* a uma coisa desprovida de razão. (Górg. 465 A)

Há, portanto, um fazer que é *álogon práigma*<sup>9</sup>, que ignora a razão das coisas e a sua natureza última, e conhece apenas a sua utilidade.

Com Platão a reflexão sobre a técnica ganha um significativo nível de elaboração passando a ter um caráter de saber específico a ser teorizado. “Teórico” remete ao verbo *theórein*, contemplar, e à *theoría*, visão de um

8. *Os Trabalhos e os Dias*, p. 309.

9. Não se trata de um “fazer” irracional, que como tal não existe, mas de um fazer no qual o lógos não está adequadamente ordenado.

espetáculo, de um grande conjunto<sup>10</sup>. Teoria é, pois, uma busca de saber, uma especulação do espírito diante da contemplação de algo que maravilha. E buscar o que é a técnica é ter um conhecimento independente das aplicações práticas que ela possa ter. Isto fica evidente na obra de Platão, quando do esforço que empreende nas discussões com Górgias, Cármides e Crítias – nos diálogos que trazem esses nomes – de precisar a natureza da técnica separando-a de outros tipos de conhecimento.

Do ponto de vista sócio-histórico, as *póleis* representaram o ponto mais significativo para o desenvolvimento do pensamento técnico grego.

As cidades formadas no final do século VII, inícios do século VI a.C., são, para os gregos, o atestado do alcance de um nível esplendoroso no seu processo de desenvolvimento, e os conhecimentos técnicos como forma de regulamentação consciente das sociedades são um aspecto essencial dessa experiência impar.

Quando nascem as *póleis*, sua forma de constituição faz emergir uma nova mentalidade que prima pelas formas de organização transparentes na sua exterioridade e dependentes, entre outros pontos, das inovações técnicas de grande alcance: a metalurgia do ferro, a melhor utilização do metal. Esse jeito diferente de compor as relações políticas e sociais opõe à individualidade familiar dos *gêne* uma aglomeração humana necessitada de novas instituições (tribunais, assembléias, *agorá*, teatros, ginásios) e com as quais os *polítai*, os cidadãos, têm compromissos comuns. Junto com essa nova mentalidade nasce a reflexão filosófica e com ela o pensamento técnico como saber específico.<sup>11</sup>

De acordo com as informações de Espinas<sup>12</sup> procurava-se sistematizar todas as técnicas, codificar todas as artes, desde as receitas de cozinha até as prescrições de higiene. Refere-se o autor aos sofistas para quem, na sua maioria o saber reveste-se da forma de receitas que se pode codificar e ensinar. É o comportamento de uma época cuja noção de técnica faz com que todas as atividades da ação humana sejam consideradas como tais. Mas se esses dados mostram que, por um lado, a vida para os antigos tem uma orientação técnica, dizem também que, por outro, ela foi marcada

---

10. Montanari, Franco. *Dizionario Della Lengua Greca*.

11. Vernant, J.P. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*.

12. A. Espinas *Les origines de la technologie*, Paris, 1987.

por certas dificuldades que travaram a aplicação, na prática, do esplendor que a técnica alcançou no seu nível teórico. A análise desses níveis trará no seu bojo a questão da oposição entre a “contemplação” e o “fazer”, como uma das dificuldades para a aplicação na prática do que se alcançou na teoria, além de prenunciar a crítica de Vernant à concepção técnica de Platão, por este colocar o saber teórico acima do “saber” prático, o saber filosófico acima do saber técnico.

Há testemunhos que mostram, desde o século VI a. C., que foram abordados certos problemas técnicos do ponto de vista da teoria, utilizando-se para isso os conhecimentos da época. Um exemplo é o de Eupalino de Mégara que construiu em Samos o canal subterrâneo que já pressupunha o emprego de triangulações complexas. Já em Platão o termo *architékton*, arquiteto, é designado por oposição ao *technikós*, operário ou artesão que executa o trabalho. O *architékton* é o profissional que dirige os trabalhos, e a sua tarefa de dirigente é de ordem intelectual, essencialmente matemática. Vernant<sup>13</sup> mostra de maneira muito elucidativa, mas com um caráter de oposição muito radical, a diferença de níveis a que alude Platão, entre arquiteto e operário. Parece acertada a análise do autor de que o filósofo opõe arquiteto e operário, contudo, não parece que Platão queira passar a idéia de dominação ou subjugação de um em relação ao outro, e sim de colaboração, como diz o próprio filósofo:

O arquiteto opõe-se ao trabalhador, e comanda-o porque traz à obra a contribuição de um conhecimento teórico, baseado no cálculo... . A sua contribuição é um conhecimento, e não uma contribuição manual. (*Político*, 259 E)

O arquiteto possui elementos de saber teórico, capacidade de “construção especulativa” que podem ser transmitidos por um ensinamento de caráter lógico, isto é, como movimento articulado do *lógos* (discurso, razão) diferente da aprendizagem prática que não precisa necessariamente de teoria mas das repetições de ações. No primeiro, o tipo de aprendizagem capacita o aprendiz a dominar os fundamentos do saber, daí a expressão “saber teórico” ou “epistêmico”; no segundo, há uma repetição de comandos por desconhecimento dos fundamentos. O *architékton* em sua atividade de construção apoia-se em uma *téchne* que é, de algum modo

13. *Mito e Pensamento entre os Gregos*, nota 15 da p. 288.

*teorética*, isto é, que se apresenta sob a forma de uma teoria mais ou menos sistemática.

Quanto à ocupação com as questões mecânicas deu-se em decorrência do envolvimento com as pesquisas matemáticas, que despertaram o interesse de homens que estavam preocupados não com alguma prática profissional, mas com a questão mecânica em si mesma. Em Tarento, por exemplo, no século IV, Árquitas cria o que se nomeia “Mecânica”, aplicando o movimento à construção de figura. Atribui-se-lhe um elegante autômato: uma pomba de madeira que voava. No século III, Arquimedes utilizou o cambrestante e aperfeiçoou o emprego dos guindastes e das roldanas para içar grandes pesos, tratou das propriedades geométricas da espiral, elaborou a teoria do equilíbrio das forças na alavanca e na balança e definiu a “mecânica” como a ciência que permite mover um dado peso com uma dada força.

A técnica enquanto teorética nasce no seio da filosofia e tem, portanto, estreita relação com a *epistême*. Mas há dois intérpretes que consideram de modo diferente o valor da *téchne*. São eles Schuhl<sup>14</sup> e Vernant. Na perspectiva desses intérpretes, o alcance da reflexão sobre a técnica não teve conseqüências significativas no âmbito prático, devido à separação da “ordem dos valores que constituem a contemplação, a vida liberal e ociosa, o domínio do natural, das categorias do prático, do utilitário, do servil e do artificial”<sup>15</sup>.

Para Vernant, a participação de Platão nessa tradição não está apenas na elaboração teórica sobre a técnica, mas sobretudo no seu “desprezo às categorias do prático”. Para esse intérprete, os resultados dessa postura platônica aparecem na *República* como a oposição entre saber filosófico e saber técnico, a qualificação do filósofo para o poder e a desqualificação do artesão.

Para Vernant, os exemplos que Platão retirou da reflexão que elaborou sobre as técnicas servem à divisão do trabalho e as suas vantagens são usadas como argumentos para justificar a especialização do poder político. Entende que Platão teve, de fato, grande interesse pela técnica, mas na sua concepção de homem na *politéia téchne* é presença negativa. A

14. Schuhl, Pierre-Maxime. *Maquinismo y Filosofía*, Galatea, Buenos Aires.

15. Vernant, J-P. *Mito e Pensamento entre os Gregos*, p. 290.

fundamentação para as suas afirmações é a *República*, de cuja leitura infere o elemento central da sua crítica: que há em Platão *uma incompatibilidade entre a função técnica e o poder político* decorrendo daí a “marginalização” político-social daqueles que estão associados à função técnica: os artesãos. Diz ele: “[em Platão] ... a prática de uma profissão desqualifica para o exercício do poder”<sup>16</sup>.

Para Vernant, a idéia de justiça platônica deveria ser *simétrica* na formação social composta por três classes, três funções e três virtudes fazendo corresponder às classes as virtudes específicas. Platão associa, segundo ele, à primeira classe (dos governantes), a virtude da *sabedoria* (*sophía*), à segunda classe (dos guerreiros) a *coragem* (*andreía*), mas à terceira classe (dos artesãos e agricultores), a que deveria estar associada alguma virtude, aparece a *temperança* (*sophrosýnē*) que é a virtude geral da cidade. Portanto, não pertence àquela classe em específico. Isto é, segundo a sua conclusão, denotativo do pouco valor e da baixa importância que Platão destina aos artesãos e à função técnica.

A crítica de Vernant perde a sua base quando analisamos a figura do cidadão que, na politeia de Platão, corresponde ao valor *ser virtuoso*, isto é, o que cumpre bem a atribuição que lhe é requerida, pois ninguém é considerado “bom” em nome do não-fazer. Uma vez que cada atribuição deve ter seu âmbito específico de competência, cada uma terá, por isso, uma virtude, uma *areté* que lhe corresponda. Como diz Platão:

Portanto, não te parece ter uma virtude que lhe é própria tudo aquilo que está encarregado de uma função? [...] Os olhos, dizíamos nós, têm uma função? Portanto, têm também uma virtude? (*Rep.* 353 B)

Esses elementos já garantem que não existe, por parte do filósofo, negação de uma virtude ao artesão, seja enquanto estamento ou enquanto indivíduo. Assim, tanto o magistrado quanto o artífice que cumpram a sua função em nome do bem da cidade estarão sendo virtuosos e competentes, e estarão exercendo bem a cidadania. Isso não significa que ser bom tenha uma conotação puramente ética, porque existe conexão entre ética e técnica, que não posso desenvolver nesse momento. Um artesão, por exemplo, que se *ocupe de uma única tarefa* e aja com competência, faz

16 - Ibidem, p. 254.

bem para a cidade, é um bom artesão. Na cidade, portanto, *ser cidadão é o ofício da virtude*<sup>17</sup>, o que não é esforço e privilégio apenas de alguns mas de todos, e cada um ao seu modo procura a virtude que lhe compete.

Essa análise leva-nos a ler de outra maneira aquilo que, em Vernant, marca a incompatibilidade entre a função técnica e o poder político. A justiça platônica não tem a simetria que Vernant quer, mas isso não leva ao desprezo do artesão e nem à sua desqualificação como se houvesse uma mera determinação ideológica. Contudo, há concordância de que o poder político, sendo uma função específica, tenha um executor específico: o governante-filósofo. Seria incoerente defender que, como tal, o governante execute uma outra função que não seja a sua. O mesmo é válido para o artesão. E sendo assim, o artesão não tem qualificação para o poder político, nem o filósofo para a função técnica, dado que cada função é específica à alma de cada um. A simetria ou igualdade entre os indivíduos não funda a justiça platônica, ao contrário, a diferença entre os indivíduos justifica a divisão de ofícios. E como cada função tem sua virtude própria, a “desqualificação” de uma em relação à função da outra é esperada. A “desqualificação” é cabível quando se comparam os estamentos, suas funções e a desigualdade entre os homens, por natureza. É a partir daí que se entende a justiça platônica.

O que ocorre na análise de Vernant é a ausência de um entendimento mais rigoroso entre o exercício do poder e o exercício da cidadania, além do esquecimento da noção de alma em Platão. O exercício de cidadania não é passível de ser dividido entre grupos de poder. Como já fizemos menção acima, aquele que cumpre de modo eficiente a sua função faz bem a si mesmo e à cidade. A cidadania é correlata à virtude e por seu intermédio liga-se aos grupos. *Pôr em ação a virtude é realizar a cidadania*. Isso pode ser confirmado por esta passagem da *República*:

Em quais dos cidadãos dirás então que existe a temperança (*sophrosýne*), quando eles se comportam deste modo [tendo domínio sobre os prazeres e os desejos?] Nos governantes e governados? Nuns e noutros. Vês então que adivinhamos corerretamente ao dizer que a temperança se assemelha a uma harmonia. (*Rep.* 531 E)

17. Leis, VIII, 847 A “he tês aretês epiméleia”.



A temperança ou *sophrosýne* é, pois, a virtude que unifica a cidade. Como referência aglutinadora do plano ético-político, propicia uma relação de “igualdade” entre aqueles que por natureza e exercício de funções são diferentes.

Apresentada a virtude no artesão como resultante do exercício da sua função própria perfazendo as exigências que abrangem o âmbito ético-político, resta dizer que a ligação que mantém com a técnica no nível teórico refere-se aos procedimentos que esta obedece e que constituem a sua natureza específica. Os componentes teóricos que definem os limites de uma técnica, como investiga Platão, são o perfeito conhecimento e controle sobre o objeto, isto é, quem executa uma tarefa qualquer precisa ter o domínio dos fundamentos últimos (razão e natureza) do objeto do qual se ocupa. Essas exigências não só dão a uma pessoa a posse de uma técnica, como a tornam virtuosa, visto que o conhecimento da razão e da natureza do objeto conduzem a um fim previsto, portanto, bom.

Os artesãos de Platão, no lugar que ocupam na configuração social da *República*, são técnicos que, cumprindo as exigências necessárias para o bem do todo da cidade na realização da virtude, dão a sua contribuição no nível de conhecimento que o seu saber permite alcançar.

Ora, para finalizar, a técnica sendo um saber absolutamente imprescindível à cidade, seu grande valor está nesse exercício amoldado às regras do todo, como estarão os outros “funcionários”: os guerreiros e os filósofos.